

Sexualidade na Adolescência e a Mídia **4**

Resumo e comentários de Flávia de Moura França¹

TRAUBERGER, J. Adolescent sexuality and the media. *Ped. Clin. of North Am.* 36(3): June 1989.

Neste trabalho o autor mostra que a TV e os outros tipos de mídia se transformaram na principal fonte de educação sexual nos EUA hoje. Mostram um conteúdo cada vez mais sexualmente explícito com pouquíssimas referências à contracepção e às DSTs. Apenas têm começado a quebrar esta “conspiração de silêncio” trazendo informações úteis e reais aos adolescentes.

Como esse processo ocorreu? Aumentam o conteúdo sobre sexo e violência e se calam sobre DST e contracepção?

TELEVISÃO

Dois terços dos adolescentes possuem seu próprio aparelho de TV com pelo menos um canal pago (TV a cabo). Quando esses adolescentes e crianças hoje tiverem 70 anos eles terão passado sete anos e suas vidas em frente à TV e quando eles se formarem no 2º grau a escola terão assistido 15.000 horas de TV e apenas 11.000 horas de aula.

¹ Ginecologista. Delegada Regional da ABRAH.
Recebido em 08.04.91 Aprovado em 22.04.91

O QUE É VISTO NA TV?

Um dos principais métodos para investigar a influência da TV tem sido a análise do seu conteúdo: simplesmente somar o número de comportamentos observados na tela de TV.

Um estudo de 1987-88 revelou que os americanos assistem mais de 27 exemplos/hora de comportamento sexual, sendo o pico máximo nas novelas (35 exemplos/hora). As redes de TV transmitem cerca de 65.000 exemplos de matéria sexual por ano apenas nas novelas da tarde e horário nobre e os adolescentes assistem a cerca de 14.000, sendo que, dentre eles, apenas 165 se referem a educação sexual, DST, contracepção ou aborto.

A sexualidade adulta é mostrada de maneira deturpada e sensacionalista: sexo extra-conjugal é mostrado oito vezes mais; 94% dos encontros são entre pessoas não casadas. O sexo é impessoal e sem emoção; as mulheres não usam contraceptivos, mas nunca engravidam; o homossexualismo é estereotipado - vítimas ou vilões. Um terço de todos os anúncios de horário nobre usam o apelo sexual para vender seus produtos.

A TV COMO FONTE DE EDUCAÇÃO SEXUAL

A conclusão a que se chega é que a TV é realmente um educador sexual efetivo, mesmo que suas mensagens não sejam acuradas, salutareis ou adequadas às idades.

Isso porque:

1. Pais, escolas e colegas não são fontes efetivas (apenas 10 a 30% das escolas oferecem um programa compreensível a de boa qualidade, e muitos deles após o início da atividade sexual dos adolescentes. Os pais restringem as informações e os amigos deturpam-nas).

2. Os pais e amigos são também influenciados pela TV.

3. A TV é consumida em larga escala, desde a idade de dois anos.

4. Os programas de TV e os anúncios são freqüentemente relacionados a sexo.

5. Adolescentes sempre acreditam que aquilo que eles assistem na TV é real (essa crença é mais encontrada entre crianças, adolescentes e adolescentes grávidas).

O QUE OS ADOLESCENTES APRENDEM NA TELEVISÃO

Estudos têm demonstrado a capacidade da TV em formar as atitudes e as normas culturais, através de sua influência na percepção da realidade social.

Aos adolescentes, ela oferece um verdadeiro script de padrão de namoro e comportamento sexual, antes mesmo que eles possam ter suas próprias experiências.

A grande maioria dos adolescentes (70%) de 16 anos está ainda no nível final do desenvolvimento do “pensamento operacional cognitivo”, descrito por Piaget - pensamento seqüencial lógico -, e podem ainda sofrer o que Elkind chama de “pseudo-estupidez”: “A capacidade de ter muitas alternativas não é associada à habilidade de fixar prioridades e decidir qual opção é mais ou menos apropriada que as outras”.

Por causa de sua vulnerabilidade, os adolescentes podem estar sujeitos à “síndrome do mundo do sexo”, ao consumir grande quantidade de TV. Uma das principais mensagens que eles recebem é que os adultos não usam contraceptivos e não planejam sexo. Infelizmente, ela se encaixa na ambivalência do adolescente sobre o sexo e explica a principal razão alegada por eles a fim de não usar contraceptivos: sexo “apenas acontece” e “não há tempo para se preparar».

Em pesquisas realizadas, os adolescentes relatam que a TV é tão ou mais encorajadora com relação a sexo que seus amigos(as). Altas doses de TV podem acentuar o sentimento de que o mundo está “fazendo isso”, exceto eles, e podem contribuir para a gradual diminuição de idade com que os adolescentes têm iniciado sua vida sexual nas duas últimas décadas.

Estudos demonstram que quem assiste TV acredita mais que a vida real é como a que é representada nas telas. E o comentarista de TV Hemard Beale diz: “Vocês, pessoas sentadas aí, noite após noite. Vocês estão começando a acreditar nesta ilusão que nós estamos tecendo aqui. Vocês estão começando a pensar que a tela é a realidade e suas próprias vidas são irreais. Essa é a loucura das massas!”.

Outros estudos mostram que aspectos mais sutis da sexualidade humana podem ser afetados. As crianças que assistem mais de 25 horas por semana de TV apresentam papel sexual estereotipado mais definido do que aquelas que assistem 10 horas ou menos de TV por semana. A mensagem transmitida estabelece o papel “normal” de homem e de mulher: os homens brincam de carrinho e são mais ambiciosos; as mulheres brincam de boneca e são felizes criando os filhos (mesmo as mulheres independentes precisam do conselho de

homens para tomar decisões e perdem o controle da situação com muito mais facilidade).

E surge a crítica de que o papel tradicional feminino está sendo apenas disfarçado com novas apareências.

Alguns estudos de pesquisa experimental mostraram que:

- Estudantes de faculdade, aos quais foram mostrados filmes de sexo explícito, apresentaram maior aceitabilidade de infidelidade sexual e promiscuidade que o grupo de controle.

- A desaprovação com relação ao estupro poderia ser diminuída pela exposição de apenas nove minutos de cenas tiradas de programas de TV e filmes censurados.

- De 391 estudantes na Carolina do Norte, aqueles que assistiam maior conteúdo de sexo na TV tinham probabilidade de iniciar atividade sexual um ano antes.

- Dados do National Surveys of Children mostraram que homens adolescentes que assistiam mais TV tinham maior prevalência de experiência sexual.

OUTROS TIPOS DE MÍDIA

Cinema

Tem menor significado que a TV, pois demanda um consumo de 10 a 15% desta. Contudo, a alta prevalência do video cassete (50% dos americanos possuem um) o torna mais importante.

Em pesquisa realizada em três cidades de Michigan, com jovens de 15 para 16 anos, mais da metade tinha assistido a maioria dos filmes censurados mais populares entre 1982-84, que apresentavam um conteúdo de sexo sete vezes maior que o apresentado no horário nobre.

Durante as duas últimas décadas, Hollywood tem favorecido a população adolescente, pois ela é o maior segmento que vai ao cinema. Esses anos representam a era da exploração sexual da adolescência.

Os Filmes e a Pornografia

Um estudo sugere que atitudes podem ser moldadas ou modificadas pela repetida exposição de pornografia não violenta: doses maciças de pornografia não violenta os levaram a superestimar

as práticas sexuais incomuns, diminuir a preocupação sobre crime ou estupro, atitude mais cruel com relação a sexo e menor simpatia pelo movimento de liberação da mulher.

Se a violência é associada ao sexo, a influência com relação a atitudes agressivas é comprovadamente maior.

Imprensa Escrita

Reflete a mesma tendência da TV e do cinema, mas discute mais a respeito da contracepção e DST. Infelizmente, não foram estudadas as revistas que os jovens lêem mais.

O Rock e os Videos Clips

A tendência de letras de rock tem sido aumentar o conteúdo sexual de forma bastante explícita. Mas estudos demonstram que o conhecimento e a compreensão das letras dependem da idade do adolescente. Dentre 700 fãs de rock de 12 a 18 anos apenas 25% (e 40% de fãs de heavy metal) conhecia as letras de suas músicas preferidas, e eles freqüentemente não as compreendiam, principalmente os mais novos, que ainda estão no desenvolvimetro do nível concreto de cognição.

E, apesar dos adolescentes ouvirem cerca de 18,5 horas/semana de rádio, isso geralmente é feito como fundo musical ao exercerem outras atividades.

O debate sobre as letras de rock tem obscurecido uma fonte mais importante que são os video clips, cujo principal veículo nos USA é a MTV.

Em 1981, ela alcançava 40% de todas as residências nos EUA (35 milhões de associados) e em 1987 arrecadou 60 milhões de dólares de lucro, com uma "penetração" de 43% do mercado adolescente nos USA.

De 600 adolescentes estudados em San José, Califórnia, 80% assistia MTV em média duas horas por dia. Dentro da programação da MTV, os "Concept Video" parecem ser os mais problemáticos (são os clips que contam "estórias"):

- 56% de todos os "concept videos" envolvem violência.
- 75% de todos os "concept videos" envolvem sexo.
- 81% de todos os "concept videos" envolvem sexo e violência juntos.

As mulheres geralmente são provocantes e admiradas como objetos sexuais. As letras se associam a imagens encorajando sexo. Mesmo os anúncios usam sexo para vender toda sorte de produtos, principalmente álcool.

O PAPEL DO PEDIATRA

A interação entre a mídia e o adolescente é uma área complexa e requer muito mais pesquisas do que as que se tem disponíveis. A TV, principalmente, e os outros tipos de mídia se transformaram nos principais educadores sexuais das crianças e dos adolescentes americanos. E isso não foi uma escolha consciente, mas falta de opção. Embora a TV pudesse ser um meio positivo para o aprendizado sobre as relações humanas e a sexualidade, no presente é mais negativa que positiva.

Os pediatras deveriam reconhecer a importância da mídia no comportamento dos jovens e quando estivessem frente a um adolescente com comportamento agressivo, ou rendimento escolar prejudicado, deveriam tentar colher uma anamnese com história de TV, incluindo horas por dia de TV assistida e os tipos de programas assistidos, além de pesquisar mais a respeito dessas interações.